

Brasiliense pára e reza por Juscelino

Candango lamenta a morte do compadre JK

O velho Luciano Pereira, «Candango», conta que para ele, o momento mais triste de sua vida foi no dia em que ficou sabendo da morte de seu amigo e compadre Juscelino Kubitschek de Oliveira, que estava com 74 anos. JK era padrinho dos dois filhos gêmeos de Luciano, que completaram 24 anos no dia 18 passado. «Ele mesmo trouxe o padre Roque, um pioneiro de Brasília, e o batizado foi aqui mesmo no Catetinho», revela Luciano.

Luciano Pereira lembra também que JK fez questão de batizar o primeiro menino nascido em Brasília, em dezembro de 1956, que recebeu o nome de Brasil, bem como da menina que nasceu no dia da inauguração da Capital Federal, 21 de abril de 1960, registrada com o nome da cidade, Brasília. Nascido e criado na região de Luziânia, o velho «Candango» conta que era funcionário da Aeronáutica e foi logo contratado por Juscelino como seu «guarda-campo».

Mas um dia, acrescenta, quando já estava perto de mudar para o Palácio da Alvorada, JK chegou e lhe disse: «Luciano, você não vai ficar aqui para contar a todos como nasceu Brasília». Era julho de 1958 e desde então Luciano nunca mais

deixou o Catetinho. E contar a história do nascimento da cidade e do amigo Juscelino é uma das coisas de que mais gosta.

Orgulhoso, o administrador do Catetinho mostra os seis quartos com as camas e lençóis usados na época, até hoje mantidos lá, inclusive os do quarto do presidente; a sala onde o presidente assinou os primeiros decretos, com a mesa e as cadeiras, o jogo de sofa e o telefone pelo qual JK entrava em contato com a diretoria da Novacap, instalada perto de onde hoje está o Núcleo Bandeirante.

Luciano Pereira não se esquece do dia que Juscelino fez um discurso no Catetinho falando sobre os bichos do Planalto e apelidou Sebastião Calazans, que fez a encanção de água na edificação, de «Tião Onça». «Foi porque uma onça parida ameaçou comer Sebastião», explica. E descarta a existência de um cofre subterrâneo embaixo do Catetinho, como chegou a ser comentado.

O administrador conta que Juscelino chegava do Rio e «mal tomava um cafezinho, já estava vistoriando as obras da construção de Brasília. Só pelas 11 horas da noite aparecia para jantar». Ele diz que «todo mundo era igual para Juscelino, candangos, engenheiros e autoridades».



A foto mostra Juscelino na inauguração de Brasília

Cozinheira será despejada

Apesar de estar vivendo um drama porque já foi avisada de que será despejada da apertada sala onde mora, em cima do Supermercado Planalto, na área especial nº 13 da Avenida Central, no Núcleo Bandeirante, a primeira cozinheira do presidente Juscelino em Brasília, Germita Teixeira de Souza, que não tem para onde se mudar, ainda fica entusiasmada ao recordar aquela época.

«Dona Nega», como é mais conhecida, morava numa fazenda onde hoje se localiza a Candangolândia, quando, no dia 10 de novembro de 1956, foi buscada pelo então «guarda-campo» de Juscelino, Luciano Pereira. «Era aquele negócio da capital vem ou não vem, deixando todo mundo agitado por essas bandas», conta Germita, nascida em Cristalina e criada no município de Luziânia, em Goiás.

Ela diz que por causa da sua «simplicidade de mulher da roça», não ligava muito para importância das pessoas que se serviam de sua comida. Mas isso no princípio: «No outro dia, o presidente veio até a cozinha, me abraçou e ainda pegou a colher e mexeu um pouco o feijão na panela. Nesse dia eu me senti uma pessoa importante», conta a cozinheira, com orgulho.

«Ele era muito prestativo, não tinha esse negócio de separar as pes-

soas, todo mundo era igual», prossegue Germita, revelando que os pratos preferidos do presidente JK eram feijão tropeiro com carne de porco frita em pedacinhos, frango a molho pardo e tutu de feijão. «Ele gostava de ficar caminhando pelo bosque do Catetinho e ficar olhando as minas d'água», diz, acrescentando que «quando o presidente sentava-se à mesa com seu pessoal, o assunto era um só: a mudança da capital».

Para «Dona Nega», Juscelino devia continuar vivo «para governar o Brasil novamente». Ela conta que, dias antes do desastre em que perdeu a vida, JK mandou-lhe um recado, dizendo que queria encontrá-la quando viesse a Brasília. «Mas Deus não quis, ele morreu antes. Não tenho a menor ideia do que ele queria comigo, se só me ver ou outra coisa».



Dona Nega recorda o passado

Maurílio Lemes

Uma Missa de Réquiem a ser celebrada pelo cardeal-prímaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, e concelebrada pelos cardeais brasileiros e bispos de Brasília, às 11 horas, na Praça do Cruzeiro (próximo ao Memorial JK), será o ponto alto das comemorações, hoje, do 10º aniversário da morte do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Na ocasião, será apresentada também, em primeira audição mundial, a «Missa de Réquiem», composta pelo maestro Claudio Santoro, em homenagem a Juscelino. A apresentação será acompanhada pela Orquestra do Teatro Nacional de Brasília, com 73 músicos e coro composto de 50 figurantes.

O coro tem seu núcleo formado pelo

Madrigal de Brasília e completado por cantores regidos pelo maestro Sílvio Barbado, contando ainda com os solistas Abélia Issa (soprano), do Teatro Municipal de Brasília.

Haverá transporte gratuito da Rodoviária até o Memorial, que ficará com os portões abertos das 8 às 18 horas de hoje, para aqueles que quiserem visitar a cripta com os restos mortais do fundador de Brasília. As homenagens prosseguem até 12 de setembro, data de nascimento de JK, com inauguração da Pira, desfile de bandas e festival de pipas.

Juscelino nasceu em 1902 e morreu na noite de 22 de agosto de 1976, na Via Dutra, em São Paulo. Ele estava no banco traseiro de seu Opala e se dirigia para o Rio de Janeiro, quando o carro foi colhido por uma carreta.

Homenagens lembram a obra

O programa elaborado pelo Governo do Distrito Federal para homenagear a memória de Juscelino Kubitschek, iniciado terça-feira última com uma sessão solene no Congresso, prosseguiu ontem, com o lançamento do selo e medalha e a inauguração da exposição «Brasília — Trilha Aberta» pela viúva de JK, Sara Kubitschek, e o governador José Aparecido, além de inúmeras outras autoridades.

A mostra pretende contar a história de Brasília, desde sua concepção e construção

até os dias de hoje. Para tanto, foi montada uma narrativa da cidade, através de fotografias, filmes, vídeo, pintura e desenhos, de modo que todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para o seu surgimento, guiados pelo gênio de JK, se revejem nela.

Foram recuperadas importantes peças de sua memória, como projetos que concorreram à criação do Plano Piloto e, também, a coleção de cinejornais produzidos pela Novacap, entre 1957 e 1960, que estavam em processo de deteriorização acentuada.

Roosevelt Pinheiro



Dona Sarah abriu, ontem, a exposição «Brasília — Trilha Aberta»

No funeral, a dor da cidade

A data de hoje, para muitos, não lembra apenas o enterro de Juscelino Kubitschek de Oliveira, morto há dez anos, num acidente automobilístico na Via Dutra, São Paulo. A data marca, sobretudo, o dia em que Brasília realmente criou alma, quando, na tarde de 23 daquele mês, uma multidão de quase 200 mil pessoas acompanhou o funeral do fundador da cidade, da Catedral ao Cemitério Campo da Esperança.

Foi a primeira grande manifestação de vida da cidade, o dia em que «Brasília chorou», como diria o jornalista Carlos Chagas, de «O Estado de S. Paulo», num artigo publicado no dia seguinte. Estava criado o mito JK, que passou a ser lembrado pelas pessoas, até hoje, exatamente como era: carismático, simples, capaz de enfrentar um ritmo alucinante de atividades sem se cansar e que nunca teve guarda-costas.

Fantasma
E capaz também de outras atitudes estranhas a um comportamento normal, como lembra, mais uma vez, o jornalista Carlos Chagas. Num dia chuvoso de fevereiro de 1972, por exemplo, Juscelino se aproximava de Brasília, vindo de Luziânia, num velho caminhão Ford, dirigido por um engenheiro. JK ia a Formosa, mas não queria entrar em Brasília, que ele fundou mas não via há sete anos, desde que fora banido pelos militares, em 1964, quando teve seus direitos políticos cassados, nessa época como senador eleito por Goiás.

Juscelino havia amargado exatos 970 dias de exílio na França, marcados com tracinhos de caneta numa folha de papel. Já havia voltado para o Brasil, morava no Rio de Janeiro mas relutava em entrar em Brasília, mesmo vindo com frequência até sua «Fazenda JK», nas proximidades de Luziânia, por causa da «mágica».

Mas naquela sexta-feira chuvosa de fevereiro, a caminho de Formosa, JK não resistiu. Chapeu de palha na cabeça, ele começou por rever o Catetinho, a primeira residência oficial do presidente em Brasília e «a maior paixão de sua vida», como lembram hoje as pessoas que foram seus amigos pessoais. Dali percorreu a W-3, visitou a Catedral, a Praça dos Três Poderes. E foi embora sem ser reconhecido por ninguém.

«Me senti como numa cidade fantasma. Ou melhor, como um fantasma numa cidade», confessaria, mais tarde, ao jornalista Carlos Chagas, que costumava visitá-lo em sua fazenda de Luziânia. «Senti-me como o sementeiro que do alto de um penhasco observa a seara indestrutível», contaria mais Juscelino, confessando que em sua face, naqueles instantes, as lágrimas se misturavam com os pingos da chuva. Carlos Chagas resumiu tudo que ouviu no título de um artigo: «Brasília não vê JK chorar».

Os recortes do artigo, publicado no Estado, e de uma notícia no JB, intitulada «Divida não assusta Juscelino», foram encontrados nos bolsos do ex-presidente, no dia de sua morte, e hoje estão expostos no Memorial JK-O Memorial, para onde foram transferidos os restos mortais de Juscelino, em setembro de 1981, expõem não só toda a história da vida do ex-presidente mas também marca o começo do ciclo de suas atividades referentes à transferência da Capital Federal.

Primeira visita

Foi naquele local que Juscelino pisou, pela primeira vez, o solo brasiliense, no dia 2 de outubro de 1956. Ele desceu num avião DC-3 da FAB, no que era então um campo de pouso da construtora Vera Cruz, acompanhado de seus auxiliares, entre eles o ministro da Guerra, marechal Teixeira Lott. Já o esperavam o então governador de Goiás,

Jose Ludovico, e seu vice, Bernardo Sayão (depois diretor-executivo da Novacap), e o presidente da Comissão de Desapropriação, Altamiro de Moura Pacheco, entre outras autoridades goianas da época.

Dali, JK encabeçaria as duas comitivas até a Fazenda do Gama, onde tomou cafezinho na sede, quase ao lado de onde seria edificado o Catetinho. «Ele bebeu o café oferecido por dona Zenaide, mulher do seu Geraldo, que era o encarregado da fazenda. E bebeu em pé mesmo no terreiro, observando uns porquinhos», relembra Luciano Pereira, o «Candango», como gosta de ser chamado. Atual administrador do Catetinho, Luciano, 62 anos, era o «guarda-campo» (pista de pouso) de Juscelino e conta que o que mais impressionou o presidente, naquela primeira visita, foram as três minas d'água, existentes até hoje no bosque, ao fundo da antiga residência oficial.

Pronto
Quando retornou pela segunda vez, no dia 10 de novembro daquele ano, Juscelino já encontrou o Catetinho, pronto e com uma pista de pouso na frente. «Foi um presente, uma surpresa que os amigos fizeram para ele, que não sabia de nada, não havia autorizado nada. O Catetinho ficou pronto em dez dias e custou 500 contos de reis», conta Luciano Pereira.

A ideia do presente-surpresa fora do piloto oficial do presidente, João Milton Prates, já falecido, num encontro no Rio de Janeiro com outros amigos de JK: Oscar Niemeyer, autor do projeto do Catetinho e de Brasília; Cesar Prates; Jose Ferreira Chaves — O Juca Chaves, responsável pela execução da obra; o compositor e violonista Dilermando Reis; Emídio Rocha; Vivaldo Lirio; Agostinho Montadon e Osório Reis — mordomo do presidente.

No mesmo dia que recebeu o presente, numa sala do Catetinho, JK assinaria os primeiros decretos que resultaram em Brasília, a cidade, que assustaria o mundo e seria considerada, mais tarde, pelo seu próprio fundador, como a «Capital da civilização latina, da civilização do terceiro milênio».

Depressa
«Quando ele chegava para vistoriar as obras», conta a empresária e escritora Vera Brant, autora de dois livros sobre Juscelino, «era uma alegria geral. Os operários passavam a cantar e assovar, os tijolos subiam mais rápidos e os carrinhos com a massa de concreto andavam mais depressa». Todos, segundo Vera, gostavam de Juscelino, porque para ele «todos eram iguais».

Mesmo depois que passou a morar no Palácio da Alvorada, acrescenta Vera Brant, Juscelino não parou de fazer amizades. Ela conta que além de sua eterna predileção pelo Catetinho, Juscelino gostava de reunir os amigos e varar noites em cima de um barco no Lago Paranoá, só para ver o raiar do sol no outro dia.

«Foi o único presidente que pude conhecer pessoalmente, em toda a minha vida», afirma Emival Pires de Oliveira, 28 anos, funcionário do Jornal de Brasília. «Eu tinha oito anos, quando ele desceu de helicóptero num campo em que nos jogávamos bola, no Núcleo Bandeirante. Ele distribuiu balinhas para as crianças, conversou com os moradores e foi embora».

Germita Teixeira de Souza, 53 anos, atualmente morando no Núcleo Bandeirante, também nunca se esquece do dia em que JK a abraçou, na cozinha do Catetinho. Ela foi a primeira cozinheira do presidente e acha que a população brasileira estaria hoje em condições de vida muito melhores, se Juscelino ainda fosse o presidente do Brasil.

“Ele empolgava a todos”

«Ele parecia um maestro: os operários das obras ficavam todos empolgados, na maior felicidade, quando ele chegava». Assim a empresária e escritora Vera Brant fala sobre Juscelino Kubitschek, de quem foi amiga pessoal. Ela conta que JK dificilmente se mostrava cansado do ritmo alucinante de vida que levava.

As vezes se esforçando, também, em alguns momentos, para conter as lágrimas.



Vera Brant

Vera Brant continua, recordando que certa vez fora passar alguns dias na fazenda de Juscelino, em Luziânia, pensando em descansar. «Ledo engano. Ele ficava conversando com a gente até às três horas da madrugada e às seis da manhã começava a bater um sino, acordando todo mundo para passar o dia todo».

Vera Brant, revela que Juscelino estava morando no Rio, depois do exílio na França, mas não podia vir a Brasília. «A voz dele parecia muito triste, quando falava da cidade. Isso já era 1972, e, revoltada, mandei chamá-lo à minha casa na 111 Sul. Ele relutava, dizendo que não queria me comprometer, mas decidiu vir numa quinta-feira de dezembro daquele ano. E chegou naquela alegria».

Segundo Vera, à meia-noite, daquele dia «todos os amigos leais do Presidente celebravam a volta do filho prodigo».